

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: Amazônia/Militares
 Data 12/08/93 Pg.: 1-6 74

AMAZÔNIA

Especialista diz que militares exageraram riscos

Da Folha Sudeste

O diretor do Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp, coronel da reserva Geraldo Cavagnari, 58, disse ontem que não concorda com o governo e com os militares em relação ao perigo de invasão da Amazônia. Segundo ele, os militares estão tentando "vender" a existência de um inimigo para conseguir mais recursos para as tropas que estão na região. Veja abaixo os principais trechos da entrevista.

Folha - O sr. concorda que a Amazônia pode estar sendo invadida por aviões norte-americanos?

Geraldo Cavagnari - Não. Essa é uma preocupação tanto do governo como dos militares que não procede. Os militares estão querendo vender esse perigo de invasão, eles querem delimitar uma ameaça concreta, definir um inimigo e conseguir justificar que sejam enviados mais recursos.

Folha - Mas a Amazônia está sendo bem vigiada?

Cavagnari - Não há dúvidas de que a Amazônia está em uma posição insegura e que há pontos fracos que devem ser melhor vigiados. O Estado tem sido negligente com a Amazônia, mas não há o inimigo que eles estão querendo criar.

Folha - Negligente em quê?

Cavagnari - Existem problemas em relação ao meio ambiente, à expansão do garimpo, à não-delimitação das reservas indígenas, às facilidades de existência do narcotráfico e em relação ao próprio espaço aéreo, que é permeável. Qualquer aeronave pode penetrar no espaço aéreo da Amazônia sem ser detectada. A Amazônia só tem uma posição insegura porque o Estado, quando está presente, é incompetente.

Folha - E o Exército?

Cavagnari - A presença militar, embora tenha sido insuficiente, tem sido eficiente. O resto do Estado é que não está presente.

Folha - O presidente Itamar Franco conseguiu autorização do Conselho de Defesa Nacional para gastar US\$ 500 milhões em um sistema de vigilância para a região. O que o sr. acha disso?

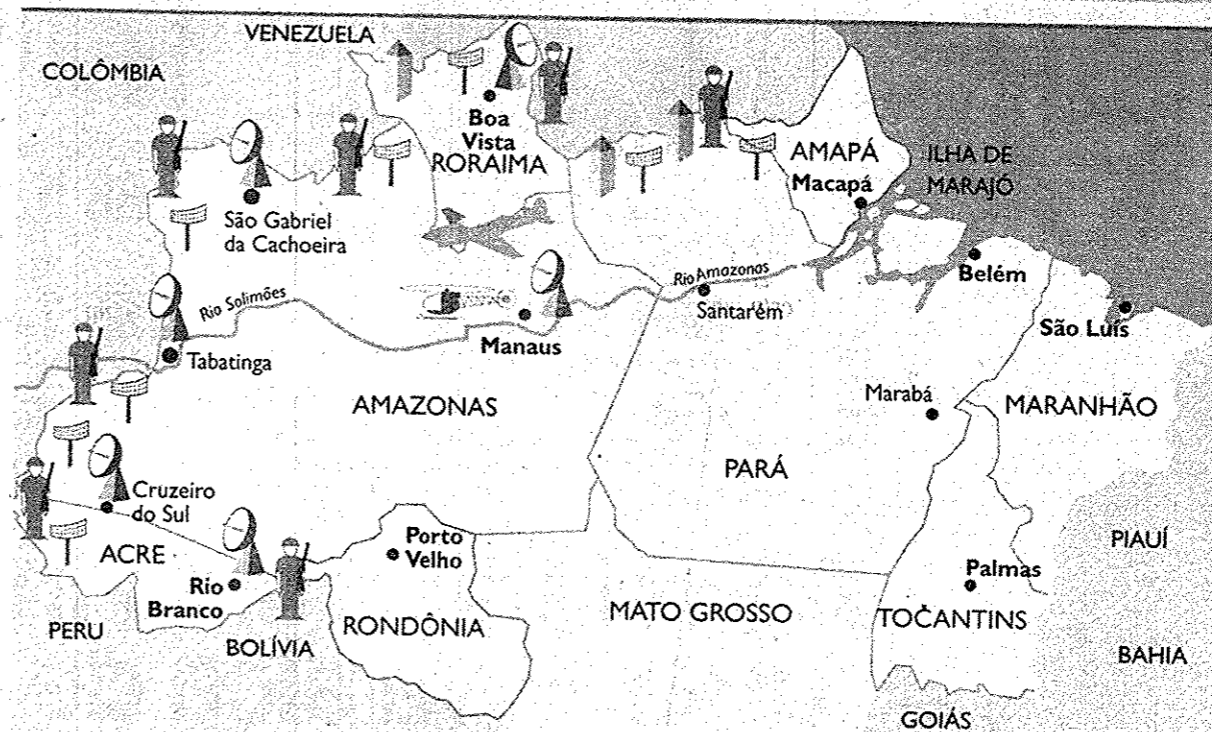
Cavagnari - Eu não discordo da medida de investir na segurança e de comprar radares. Acho que esse sistema de vigilância vai dar certo em relação aos problemas que eu apontei, mas não vai ser suficiente. O que eu não concordo é com a tese de que a Amazônia possa ser internacionalizada.

Folha - Mas existe uma presença internacional...

Cavagnari - Sim, mas a soberania do Brasil não está ameaçada.

O QUE PEDEM OS MILITARES

Editoria de Arte/Folha Imagem



- Seis radares de grande porte, dos quais 4 estão implantados (São Gabriel da Cachoeira, Manaus, Tabatinga e Boa Vista) e 2 em projeto (Rio Branco e Cruzeiro do Sul)
- Uma companhia de helicópteros do Exército (Manaus)
- Colocação de marcos nos limites onde a divisão não é clara, nas fronteiras com Venezuela e Guiana
- Radares de pequeno porte para a região da fronteira
- Oito aviões tucanos T-27 para transformação em aviões-radares
- Aumento dos contingentes militares nas fronteiras

Verba não dá, diz Comar

Da Agência Folha, em Manaus

O comandante do 7º Comar (Comando Aéreo Regional) da Aeronáutica na Amazônia, brigadeiro Márcio Callafange, disse ontem que os US\$ 500 milhões anunciados pelo governo federal não são suficientes para garantir a vigilância da Amazônia. "Não se pretende nenhuma solução nenhuma com esse dinheiro. A Amazônia é um vazio", diz.

Márcio Callafange disse que só o Sivan (Sistema de Vigilância da Amazônia) — que prevê a instalação de um controle automatizado e informatizado de comunicação e controle da região por radares até 2.002 — envolve "bilhões de dólares" (US\$ 2,5 bilhões, segundo o Ministério da Aeronáutica).

Para Callafange, a cobertura efetiva da região amazônica só será feita com aviões-radares. "Os radares fixos deixarão espaços claros e não vão captar o tráfego ilícito, que pode voar a dez metros do solo."